



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ALINE FREIRE COSTA

**QUE COISA É ESSA? VISUALIDADES QUE CIRCULAM ENTRE
ESTUDANTES DA REDE MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA**

JOÃO PESSOA - PB

2018

ALINE FREIRE COSTA

**QUE COISA É ESSA? VISUALIDADES QUE CIRCULAM ENTRE
ESTUDANTES DA REDE MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência para o título de
Licenciatura em Pedagogia, pela
Universidade Federal da Paraíba (UFPB),
Campus de João Pessoa, sob orientação da
Prof^a. Dr^a Maria Emilia Sardelich.

JOÃO PESSOA - PB

2018

C838q Costa, Aline Freire.

Que coisa é essa? Visualidades que circulam entre os
estudantes da rede municipal de João Pessoa / Aline
Freire Costa. - João Pessoa, 2018.

47f. : il.

Orientação: Maria Emilia Sardelich.

Monografia (Graduação) - UFPB/CE de Educação.

1. Educação Básica. 2. Ensino Fundamental. I.
Sardelich, Maria Emilia. II. Título.

UFPB/BC

ALINE FREIRE COSTA

**QUE COISA É ESSA? VISUALIDADES QUE CIRCULAM ENTRE
ESTUDANTES DA REDE MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para o título de Licenciatura em Pedagogia, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), campus de João Pessoa.

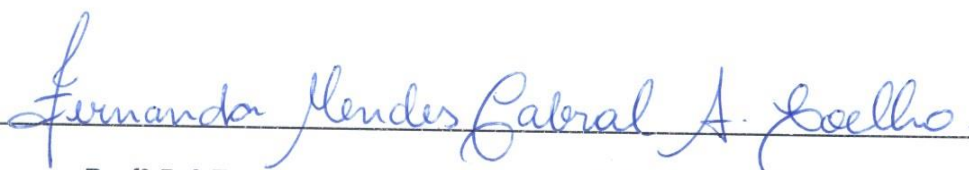
Aprovado em: 05 de novembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA



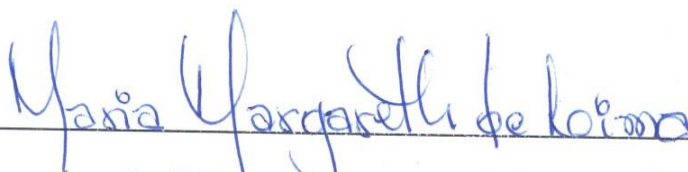
Profª Drª Maria Emilia Sardelich – UFPB

(Orientadora)



Profª Drª Fernanda Mendes Cabral Albuquerque Coelho - UFPB

(Membro da Banca Examinadora)



Profª Drª Maria Margareth de Lima – UFPB

(Membro da Banca Examinadora)

Dedico este trabalho a minha mãe que sempre me incentivou aos estudos, pois sem esta eu não conseguiria chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, composta pelos laços sanguíneos e pelas amizades construídas, pelo apoio em todos os momentos para que eu continuasse os estudos. Em especial a minha mãe, que mesmo sem ser alfabetizada sempre me incentivou a estudar e a não parar.

A todos os professores que passaram em minha vida acadêmica e foram motivadores, em especial a minha professora orientadora Maria Emília Sardelich, a qual me auxiliou na produção deste trabalho com muito cuidado e atenção. Por cada palavra de apoio e pelo incentivo ao crescimento pessoal e profissional.

Agradeço a escola e a professora da turma que me acolheram com muita alegria. Aos estudantes, principais colaboradores deste trabalho, pois sem o compartilhar de suas impressões não seria possível identificar as visualidades que fazem parte de seus cotidianos, possibilitando assim esta discussão.

Agradeço a disponibilidade da Prof^a. Dr^a Fernanda Mendes Cabral Albuquerque Coelho e a Prof^a. Dr^a Maria Margareth de Lima, para participarem da banca e contribuírem com suas observações neste trabalho.

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Paulo Freire

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) aborda a temática da Cultura Visual. Tem por objetivo apresentar as visualidades do cotidiano de estudantes do Ensino Fundamental, de uma escola pública do município de João Pessoa, Paraíba. Trata-se de um estudo exploratório, fundamentado em pesquisa bibliográfica e documental, acompanhado do relato da experiência vivida com estudantes do Ensino Fundamental. As principais fontes teóricas utilizadas foram: Becker (2010), Nunes (2010), Sardelich (2006), Tavin; Anderson (2010) e Tourinho (2011). Foram consultados os seguintes documentos: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O estudo realizado conclui que o trabalho a partir das visualidades significativas para os estudantes pode contribuir com várias aprendizagens, desde que se considere o contexto cultural dos estudantes.

Palavras-chave: Educação Básica; Ensino Fundamental; Ensino da Arte; Cultura Visual.

RESUMEN

Este Trabajo de Conclusión de Curso (TCC) aborda la temática de la Cultura Visual. Tiene por objetivo presentar las visualidades del cotidiano de estudiantes de la Enseñanza Fundamental, de una escuela pública del municipio de João Pessoa, Paraíba. Se trata de un estudio exploratorio, fundamentado en investigación bibliográfica y documental, acompañado del relato de la experiencia vivida con estudiantes de la Enseñanza Fundamental. Las principales fuentes teóricas utilizadas fueron: Becker (2010), Nunes (2010), Sardelich (2006), Tavin; Anderson (2010) y Tourinho (2011). Se han consultado los siguientes documentos: la Ley de Directrices y Bases de la Educación Nacional (LDBEN), las Directrices Curriculares Nacionales para la Enseñanza Fundamental y la Base Nacional Común Curricular (BNCC). El estudio realizado concluye que el trabajo a partir de las visualidades significativas para los estudiantes puede contribuir con varios aprendizajes, siempre que se considere el contexto cultural de los estudiantes.

Palabras clave: Educación Básica; Enseñanza fundamental; Enseñanza del Arte; Cultura Visual.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Palavras relacionadas ao filme It: a coisa.....	26
Figura 2. Palavras relacionadas à série La casa de papel	27
Figura 3. Desenho do estudante Q.....	29
Figura 4. Desenho da estudante R.....	30
Figura 5. Desenho da estudante S.....	31
Figura 6. Desenho da estudante Y.....	32
Figura 7. Desenho do estudante P.....	33
Figura 8. Desenho do estudante T.....	34
Figura 9. Desenho da estudante U.....	34
Figura 10. Desenho da estudante V.....	35
Figura 11. Desenho da estudante X.....	36
Figura 12. Desenho da estudante W.....	37
Figura 13. Desenho da estudante G.....	38
Figura 14. Desenho da estudante Z.....	39

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. LEGISLAÇÃO BRASILEIRA ATUAL PARA O ENSINO DA ARTE	14
3. O CAMPO DE ESTUDO DA CULTURA VISUAL	17
4. AS VISUALIDADES NA SALA DE AULA	21
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	47

INTRODUÇÃO

A Cultura Visual é importante de ser estudada para o entendimento e fortalecimento de quem realmente somos. “O conhecimento de si e do outro é, muitas vezes, construído, parcialmente, por formas específicas de cultura visual popular, desde desenhos até programas de televisão” (TAVIN; ANDERSON, 2010, p. 57). Isso implica dizer que somos formados por aquilo que vemos, muitas vezes de forma imperceptível, acabamos por propagar ideias e ações que de fato não pertencem a nós, mas sim à algum produto midiático que consumimos diariamente e que, aos poucos, passa a estar incluso em nós de forma a não recordarmos quem somos sem aqueles traços.

Será que atualmente a linguagem visual e o poder da imagem podem alterar comportamentos, modos de pensar e/ou podem levar alguém a modelar o corpo? Diria que sim, pois este fato aconteceu comigo. Durante a adolescência cheguei a ser hospitalizada, tudo por causa da influência da novela mexicana Rebelde, transmitida, na época, pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT). A personagem principal da trama, a Mia Colluci, era o meu ideal de existência. Como ela era magérrima, tinha que fazer de tudo para chegar a ser como ela. Então, desenvolvi um transtorno alimentar conhecido como Bulimia.

Nunca havia pensado neste fato de forma isolada, até que durante uma aula do componente curricular Ensino de Arte, no quinto período do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), passei a me interessar pela temática da imagem na formação de um indivíduo ou grupo, como também a me ver dentro desta Cultura Visual dominante.

Estamos cada vez mais envoltos em um mundo cheio de imagens com as quais pessoas se identificam ou não e outras ainda se expressam através delas. A partir desta percepção, da reflexão sobre a influência que já sofri e dos estudos realizados no componente Ensino de Arte do curso de Pedagogia da UFPB, despertou-me então a curiosidade de saber quais as visualidades que circulam nos cotidianos dos estudantes do 5º ano do Ensino

Fundamental de uma escola da rede municipal, localizada no Bairro dos Estados, cidade de João Pessoa, Paraíba.

A minha curiosidade inicial me levou a transformá-la em uma questão para conduzir este estudo que tem o seguinte objetivo geral: investigar as visualidades que circulam entre estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental da cidade de João Pessoa.

Para alcançar o objetivo geral, senti a necessidade de delinear os seguintes objetivos específicos: apresentar os tópicos referentes ao Ensino da Arte na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental e na Base Nacional Comum Curricular; caracterizar o campo de estudo da Cultura Visual e apontar alguns pesquisadores do campo da Cultura Visual com intervenções pedagógicas no Ensino Fundamental; descrever as visualidades identificadas entre os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental e problematizar as visualidades presentes nos cotidianos dos estudantes do Ensino Fundamental em torno de possíveis situações pedagógicas.

De acordo com Gil (2008), as pesquisas podem ser classificadas em relação aos seus objetivos e procedimentos. Em relação aos objetivos, esta é uma pesquisa exploratória, pois “têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 2008, p.27).

Em relação aos procedimentos, esta é uma pesquisa bibliográfica, porque “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” (Gil, 2008, p.50). Ou seja, realizarei um levantamento prévio sobre autores que já escreveram sobre esta temática da importância da imagem para um indivíduo ou grupo e a partir das informações encontradas, construí a fundamentação da pesquisa que também incluirá o relato da minha experiência pedagógica com uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal da cidade de João Pessoa, estado da Paraíba.

Este trabalho discorre em um primeiro momento acerca da legislação brasileira atual para o Ensino da Arte. Em seguida, traz a o campo de estudo da Cultura Visual. Logo após, apresenta as visualidades na sala de aula a partir de um relato de experiência. Por último, contém as considerações finais.

2. LEGISLAÇÃO BRASILEIRA ATUAL PARA O ENSINO DA ARTE

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) Lei Nº 9394/1996, apresenta em seu artigo 26, no parágrafo 2º que “O Ensino da Arte especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da Educação Básica”. Ainda neste artigo, tem-se o parágrafo 6º no qual “As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo”. A LDBEN de 1996 é o documento que rege a Educação brasileira e consequentemente os currículos escolares atendem à essa regulação. Portanto o Ensino da Arte é componente curricular obrigatório da Educação Básica.

A LDBEN organiza a Educação Brasileira em geral e para a regulação de cada umas das etapas da escolarização outras leis especificam questões relacionadas com o currículo. A Resolução CNE/CEB Nº 7/2010, que fixa a Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de nove anos, traz em seu artigo 14 que o Ensino da Arte deve obrigatoriamente fazer parte do currículo da Base Nacional Comum do Ensino Fundamental. No artigo 15 indica que “Os componentes curriculares obrigatórios do Ensino Fundamental serão assim organizados em relação às áreas de conhecimento”, sendo a Arte incluída na área de Linguagens, na qual segundo o parágrafo 4º deste mesmo artigo fazem parte “a música, as artes visuais, o teatro e a dança”. A partir desses artigos citados podemos concluir que essa Resolução indica que o estudante do Ensino Fundamental possa desenvolver as mais diversas formas de expressão.

De acordo com o artigo 31 da Resolução CNE/CEB Nº 7/2010, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental o componente curricular Arte pode ser ministrado pelo professor de referência da turma, ou seja, com o profissional Licenciado em Pedagogia ou por professores licenciados nos respectivos componentes. No parágrafo 2º, esclarece que se realizados por professores com licenciatura específica, deve haver integração com os demais componentes trabalhados pelo professor de referência da turma. Logo, também deixa claro que o pedagogo pode realizar atividades com os estudantes

utilizando qualquer das quatro linguagens previstas pela Resolução CNE/CEB Nº 7/2010, para o Ensino da Arte, que são: artes visuais, dança música e teatro.

Além da Resolução CNE/CEB Nº 7/2010, em dezembro de 2017 foi homologado o Parecer CNE/CP nº15/2017 e a Resolução CNE/CP nº 2/2017, que fixa a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A BNCC também indica para o Ensino da Arte as quatro linguagens, as Artes Visuais, Dança, Música e Teatro. Estas linguagens da Arte perpassam muitos saberes e com isso pode-se incentivar a criação, a leitura, a produção, a construção, a expressão e a reflexão. Para a BNCC, o componente curricular Arte pode levar ao pensamento crítico dos alunos em relação ao complicado mundo no qual estão inseridos, além de melhorar o respeito às diferenças e o diálogo intercultural. Para a BNCC o Ensino da Arte é importante para a construção da cidadania, pois deve ser entendido como uma prática social.

Segundo a BNCC, para trabalhar com as linguagens da arte o professor precisa articular seis dimensões do conhecimento, são essas: criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão. A criação e a expressão para que o aluno seja o protagonista de suas produções. A crítica e a reflexão para que os alunos possam desenvolver seus pensamentos de forma autônoma sobre as manifestações artísticas e culturais que a eles forem apresentadas. A estesia e a fruição referem-se ao contato a leitura das obras, a sensibilidade aos detalhes.

A BNCC possui dois blocos de objetivos da aprendizagem para o Ensino Fundamental, um contempla do 1º ao 5º ano e o outro do 6º ao 9º ano, porém, este trabalho foca no que está posto aos primeiros anos do Ensino Fundamental, mais precisamente na unidade temática de Artes Visuais.

O documento indica que as Artes Visuais:

[...] possibilitam aos alunos explorar múltiplas culturas visuais, dialogar com as diferenças e conhecer outros espaços e possibilidades inventivas e expressivas, de modo a ampliar os limites escolares e criar novas formas de interação artística e de produção cultural, sejam elas concretas, sejam elas simbólicas” (BRASIL, 2017, p. 193).

Pode-se perceber que a BNCC coloca as Artes Visuais como forma de expressão dos alunos, expansão e interação de seus conhecimentos e facilitadora da comunicação, pois possibilita o contato com múltiplas culturas visuais. De acordo com o previsto para as Artes Visuais pela BNCC, tal como está exposto na citação anterior, as Artes Visuais e demais visualidades trazem uma visão sobre si e do mundo a sua volta. As visualidades não se restringem a um espaço físico específico como um museu ou uma galeria, pois estão presentes nos cotidianos das sociedades e circulam na televisão, na internet, nos vídeos da internet, cinemas, desenhos, entre outros.

O que a BNCC sugere é que haja para além deste visualizar, uma interpretação de significados e expressões, que os alunos possam de forma autônoma interpretar e refletir sobre as visualidades que circulam entre eles e as diversas culturas existentes. Apesar da BNCC indicar as culturas visuais, não explicam como conceito, por isso, faz-se necessário que este assunto seja abordado no próximo capítulo.

3. O CAMPO DE ESTUDO DA CULTURA VISUAL

Estamos continuamente cercados por imagens, seja em casa, através dos meios de comunicação ou em meio às ruas com seus imensos outdoors. A todo o momento visualizamos propagandas diversas sobre comidas, roupas, a moradia dos sonhos, entre muitas outras. E algumas vezes acabamos adquirindo desejos que inicialmente não nos pertenciam. E tudo isso pode ser despertado até mesmo com uma descrição.

Impressionante como as imagens vão sendo construídas em nossas mentes, por exemplo, quando falo a palavra *tablet*. Logo se cria na imaginação uma imagem que mais se aproxime ao objeto. Porém, isto só ocorre porque já se compreende que a palavra significa o objeto. Isso não aconteceria se não conhecesse o nome ou o objeto. Esse aprendizado ocorre através de uma construção social e cultural, pois o aparelho *tablet* foi-nos apresentado de forma verbal e não verbal até que fosse assimilado. O *tablet* para um morador de cidade grande pode não possuir o mesmo significado que para um morador do interior de pequenas cidades. Ambos observariam o mesmo objeto, mas cada um compreenderia e manusearia a partir daquilo que sabe, a partir do seu repertório cultural, e é esse repertório cultural que necessita ser acessado para novas aprendizagens.

Tourinho (2011) define a Cultura Visual como “um campo de estudo emergente e transdisciplinar que se fundamenta no princípio de que as práticas do ver são construídas social e culturalmente” (TOURINHO, 2011, p.4). Ou seja, todas as palavras e imagens tem um significado a depender do contexto social e cultural no qual o sujeito está inserido.

Através do constante contato com as imagens, podemos dar sentido e significado a tudo que existe, inclusive a nós mesmos. As imagens podem ser utilizadas para representar, expressar, para chamar a atenção ou simplesmente camuflar-se. São capazes de fazer com que enxerguemos o mundo, o outro e nós mesmos.

Por isso Tourinho (2011) indica que o trabalho pedagógico também precisa fazer uso das imagens que circulam entre os estudantes como meio de interação. Para que através do aparato imagético possam interpretar o mundo a sua volta, perceber as pessoas e compreenderem a si mesmos. Pois a Cultura Visual não se preocupa apenas as produções visuais do passado, mas também com as visualidades atuais.

As imagens são artefatos culturais que contém muitos conhecimentos, podem ajudar na formação da identidade e no processo de simbolização. Por isso, no estudo da cultura elas tornam-se muito importante de serem estudadas.

Mais que isso, é necessário ao professor saber quais artefatos culturais chama a atenção de seus alunos e para descobrir, será preciso conhecer seus alunos, pois

Não cabe mais ao/a educador/a se perguntar o que as/os educandas/os não sabem e propor-se a ensinar-lhes, e sim o que já sabem e como é possível ampliar as conexões, para que, juntos, possam organizar outros discursos com os saberes-mosaico que todos possuem. (SARDELICH, 2006. p.466).

Partindo do que os alunos já conhecem, o profissional da educação pode perceber como se relacionar com a turma, compreender seus pontos de vista e fazer com que avancem, realizem a autocrítica sobre o que sabem e até onde sabem, para assim poder compreender os seus saberes individuais e os do coletivo. Isso pode tornar a aula mais significativa para os estudantes por partir de seus repertórios, daquilo que sabem e podem conhecer mais sobre e compartilhar, construir ou reconstruir novos conhecimentos.

Para Sardelich (2006) o ponto central de trabalhar criticamente com a Cultura Visual não ocorre ao saber o que os alunos pensam das representações, mas sim o que podemos pensar a partir das representações que os alunos já trazem em seus repertórios, em suas bagagens, e trabalhar com essas representações para as novas aprendizagens. É um desafio para o

pedagogo e para o professor responsável pelo componente curricular Ensino da Arte.

Rádios, televisões, internet e demais meios de comunicação fazem circular inúmeros produtos da cultura visual constantemente. E isso nos traz tanto a importância da leitura da imagem quanto à possibilidade do uso reflexivo dentro da escola. Pois a escola deve ser para o aluno um lugar de reflexão e um espaço em que possam se expressar e também construir ou reconstruir ideias sobre o mundo a sua volta.

Becker (2010) afirma que as imagens que circulam em uma sala de aula não se restringem àquelas que os professores trazem para suas aulas, pois elas são de diferentes origens. A autora se pergunta sobre a postura que professores de Educação Básica mantêm diante das imagens significativas para os estudantes e qual seria a atitude mais adequada segundo seu ponto de vista. Becker (2010) indica uma postura aberta aos mais variados produtos visuais, pois entende que os mesmos possuem significados e práticas culturais, que em geral são ignorados pelos professores de Educação Básica, mas deveriam servir de ponte para os professores acessarem os modos de ver dos estudantes.

Todos os acontecimentos visuais são passíveis de serem estudados, porque todos carregam em si alguma informação, desde as imagens da História da Arte a qualquer programa de televisão, site de internet ou propaganda. Qualquer manifestação visual configura-se em um lugar onde se criam e discutem significados (BECKER, 2010, p. 8)

Nunes (2010, p.166) também infere a necessidade de uma educação que leve ao pensar crítico sobre a cultura visual de forma que o indivíduo consiga compreendê-la e se perceber nela. Atenta também para o fato de não se poder ignorar a presença das imagens em nossa cultura, pois estas se tornam presentes em todos os locais e independem dos cenários sociais, proporcionando diversas formas diferentes de se perceber o mundo.

Portanto, se não refletirmos sobre o que vemos podemos, talvez, criar ideias estereotipadas sobre o mundo e os outros. Pode-se relativizar a violência, o medo, a morte e internalizar essas representações como normais. Se estivermos diariamente expostos a visualidades que a retratam agressão e

violência como um caso simples, podemos então reproduzir de forma natural no convívio social.

Reconhecer a importância das visualidades para um indivíduo ou grupo e buscar levar os mesmos a reflexão sobre elas, pode ser o ponto de partida para desconstruir medos e discutir comportamentos agressivos ou violentos na escola. Por essa razão, o profissional da educação deve ter seu olhar aguçado para reconhecer as visualidades presentes na escola e entre os estudantes para poder realizar um trabalho de tomada de consciência de si e do outro em sala de aula. O capítulo seguinte trará o relato de uma experiência vivida com estudantes do Ensino Fundamental, de uma escola da rede municipal da cidade de João Pessoa, na qual busquei trabalhar a partir dos posicionamentos indicados pelas autoras abordadas neste capítulo.

4. AS VISUALIDADES NA SALA DE AULA

Este capítulo apresenta a experiência vivenciada em uma escola de médio porte da rede municipal, situada no Bairro dos Estados em João Pessoa, a qual atende o Ensino Fundamental I e II. Na primeira conversa com a vice-diretora para tratar do estágio curricular obrigatório, da Licenciatura em Pedagogia, fui indicada para a turma do 5º ano, pois, segundo a vice-diretora, era uma das salas mais numerosas e sem auxiliar de turma. Devido a este fato, a experiência aqui relatada foi realizada nesta sala.

A turma contava com trinta e quatro estudantes matriculados e frequentando, estes na faixa etária entre os 11 e 12 anos, atendidos pela professora de referência da turma e também por professores dos componentes curriculares específicos da Educação Básica. De comum acordo com os profissionais da escola e a orientadora deste trabalho, decidimos que a identidade de crianças, dos profissionais envolvidos e da referida escola seriam preservadas. De modo que os colaboradores da pesquisa receberão codinomes com letras do alfabeto ao serem mencionados em todas as situações a seguir.

No primeiro contato com a professora F, a vice-diretora me apresentou como estagiária da UFPB, perguntou se a professora aceitaria que eu fosse estagiária de sua sala e a professora F respondeu que sim, demonstrando alegria ao me receber. A professora me apresentou a sua turma, e neste momento comecei a perceber os olhares curiosos dos alunos que me cercavam inicialmente. Eu auxiliava aos alunos nos momentos em que a professora F solicitava, pois estavam no final do primeiro semestre e em época de provas.

Iniciei minhas observações sobre a turma, que realmente é bem cheia de disposição, em uma sala de aula na qual o espaço que é de bom tamanho, porém, se torna pequeno devido à quantidade de alunos. Pude perceber também que a cada oportunidade perguntavam o que eu estava fazendo ali, o que um pedagogo faz, se eu seria sua professora, e outras

muitas perguntas. Foi possível notar que os estudantes desta turma são bastante curiosos e o quanto gostam de conversar na sala de aula sobre suas vidas.

Durante meus momentos de observação, várias vezes pude notar que, enquanto a professora explicava assuntos ou realizava leituras, os recadinhos em pedaços de papel para os colegas do outro lado da turma circulavam de forma discreta, mas às vezes eram interceptados pela professora no percurso antes de chegar ao destinatário. Fato este que também já vivenciei como aluna.

Passado o período de observação do estágio, negocie com a professora da turma se seria possível que eu realizasse algumas conversas iniciais com os estudantes, pois já chegava o momento de regência do estágio. Ela permitiu e acordamos que uma hora por dia nas quartas-feiras depois do intervalo seriam os meus momentos com a turma.

Nunca havia estagiado em uma turma tão numerosa. Tive curiosidade em saber o porquê de tanta agitação. Ouvi da professora da turma e de outros funcionários da escola que esta turma apresentava um comportamento violento ao ponto de alguns estudantes estarem afastados por agressão a colegas. Isso tudo me levou ficar atenta às brincadeiras na hora do intervalo, as brincadeiras durante a aula e em suas falas. No primeiro dia de conversa com a turma a professora precisou se ausentar por motivo de saúde, mas me autorizou a realizar atividades com os estudantes.

Iniciei então no último horário, sem a presença da professora. Isso me deixou bastante nervosa, pois era a primeira vez que estava diante de uma turma com tantos alunos. Procurei me acalmar e falei para eles que iniciáramos a nossa conversa. Pedi para que cada um se apresentasse, falando nome, idade e como ocupavam seus tempos fora da escola. Meu objetivo com esses questionamentos foi conhecê-los melhor, um pouco de suas vidas, seus interesses, suas práticas culturais. Iniciei essa conversa com a turma, pois já havia formulado a questão que orientou a realização deste

estudo. Queria que os estudantes me indicassem as visualidades presentes em seus cotidianos, porém não queria dirigir suas respostas. Foi por essa razão que iniciei questionando como ocupavam seus tempos.

Os estudantes se mostraram bem desinibidos para falar sobre qualquer tema, e como o foco da conversa era sobre suas vidas, o que faziam fora da escola, à animação foi tanta que tive que pedir que falassem um de cada vez, pois estavam falando todos ao mesmo tempo de tanta empolgação e eu não conseguia ouvi-los. Optei por realizar a atividade em forma de conversa para obter suas respostas, sem pedir que eles escrevessem, pois queria criar um clima descontraído, um diálogo com a turma que fosse diferente das do cotidiano escolar, pois para mim interessava suas opiniões e pensamentos mais espontâneos.

Nas respostas dos estudantes sobre como ocupavam seus tempos fora da escola, a maioria indicou que buscavam “Desenhos, coisas na internet, séries, filmes de terror, Youtuber Felipe Neto, ficar no celular, filmes de fada, Netflix, desafios, vídeos de maquiagem, futebol” seguidos pelo brincar de “Ser professora, boneca, baleada, esconde-esconde, pega-pega, brincadeiras com desafio, bicicleta, jogar bola, bola de gude, jogar Minecraft, Pou, jogos online e para baixar, jogos de comidas na cozinha, GTA e jogo da memória” e poucos responderam “Realizar as tarefas da escola em casa, estudar, conversar”.

Ao notar que a maioria dos estudantes ocupavam seus tempos com produtos visuais, como filmes, desenhos animados, séries, videogames, muito mais do que com brincadeiras tradicionais, decidi perguntar quais os filmes que mais lhes interessavam. Os alunos responderam: “*It: a Coisa*, *AnnaBelle*, *O grito*, *Death Note*, *A noiva do Chucky*, *A mulher de preto*”, filmes que costumam ser classificados como de terror. Essa foi uma grande surpresa para mim. Não supunha que os filmes de terror, que não sou capaz de assistir, poderiam atrair tanto aqueles estudantes. Por isso busquei saber qual desses filmes que mencionavam era o que mais lhes atraía. O resultado foi: “*It: a Coisa*”, seguido da série “*La casa de Papel*” e poucas meninas falaram que preferiam “*Peppa Pig*, *Desenho da Disney*, *Helena de Avalor*”.

Perguntei se assistiam a esses filmes sozinhos ou com seus pais ou responsáveis e foi respondido pela maioria que assistem sozinhos e a minoria afirmou que assistiam com os pais. Fiz essa pergunta para saber se os estudantes teriam a oportunidade de trocar suas impressões sobre esses filmes com alguém. Além de a maioria assistir os mais diversos conteúdos sozinhos e não conversarem com seus pais ou responsáveis sobre o que assistem, relataram falar com seus colegas sobre estas temáticas. A conversa com os estudantes progredia e como toquei no assunto sobre as trocas de impressões com outras pessoas, sobre com quem normalmente conversavam vários estudantes relataram que muitas vezes se sentiam desvalorizados pelos adultos em relação às suas opiniões.

Neste momento o estudante J então falou “Gosto de conversar, mas as pessoas não me deixam falar”, fato que segundo ele ocorre na escola e na vida, este é um dos estudantes que é constantemente censurado na escola. Percebi que ficou bem triste ao falar isso.

Ao terminar nosso momento de conversa, fui interrogada pelos estudantes mais uma vez sobre o porquê que eu queria saber sobre essas coisas. Foi então que perguntei se na escola ninguém assistia a esse filme ou falava sobre isso e o aluno U falou “Na escola, só utilizam vídeos educativos”.

Assim como Becker (2010), também pude perceber que “As imagens que habitam uma sala de aula não se restringem àquelas que os professores trazem para suas aulas” (BECKER, 2010, p. 1). Também fiquei me perguntando por que será que a escola não investiga e utiliza essas visualidades? Eu tinha uma imagem totalmente diferente dos alunos, mas jamais saberia a o que eles sentem por filmes de terror se não tivéssemos tido este contato.

Surpreendi-me bastante com as respostas dos estudantes e fiquei pensando sobre o que os filmes de terror, em especial este *It*, a coisa, poderiam ter de interessante e a resposta não aparecia. Pois até então não havia assistido e nada sabia sobre este filme, somente que era de terror.

Os estudantes estavam atraídos pelo filme *It, a coisa*, de 2017, com direção do argentino Andrés Muschietti, que também adota o nome Andy Muschietti. Este filme é uma releitura de um outro filme de 1990, com nome de *“It, uma obra prima do medo”* que, por sua vez, se inspira no livro *It: A coisa*, do escritor estadunidense Stephen King (1947 - , que tem sua fama pela literatura de horror fantástico e ficção. A versão do filme de 2017, que capturava o interesse dos estudantes da turma, baseia-se na trama central do livro, na qual sete adolescentes de uma cidade dos Estados Unidos formam um grupo autointitulado de “O clube dos perdedores” (*Losers Club*). Cada um dos sete adolescentes tem um medo específico e uma frágil trama familiar. Na pacata cidade em que vivem esse “clube de perdedores” começam a desaparecer algumas crianças, das quais se encontram, apenas partes de seus corpos. É a partir desse fato que “o clube dos perdedores” entra em ação e investiga o caso, chegando ao responsável por esses crimes, o palhaço *Pennywise*. O filme se encaixa na categoria de filme de terror, com classificação para maiores de 16 anos. Ao mesmo tempo em que mostra o medo das crianças em serem as próximas vítimas, também revela o protagonismo destas, a força da amizade, brincadeiras e problemas existenciais dessa faixa etária, tais como: o primeiro amor, a superproteção dos pais, como também a violência e o *bullying* que alguns podem sofrer, além da apatia dos adultos em relação à esses comportamentos.

Mas será que seriam esses os argumentos que atrairiam os estudantes com os quais estava interagindo? Haveriam outros motivos que eu desconhecia? A partir desses questionamentos, em conversa com a orientadora do estudo, decidi que minha conversa no encontro posterior com os estudantes partiria das imagens dos filmes e séries mais mencionados por eles. Considerei que o fato de levar para a sala de aula as imagens sobre os filmes e séries que haviam informado tornaria evidente para eles que eu os escutava como também que desejava seguir escutando o que eles podiam contar sobre essas imagens.

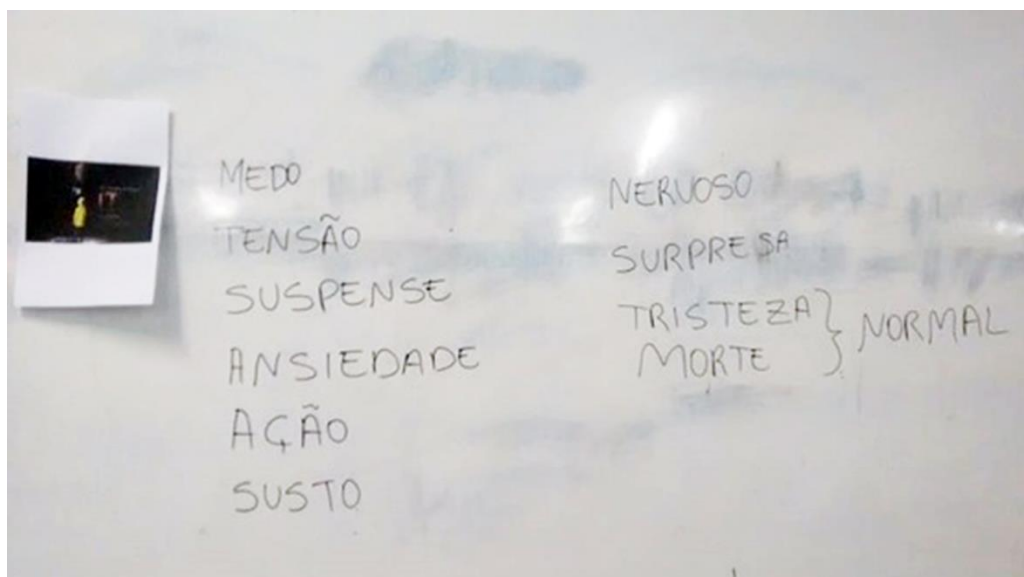
Durante os momentos de orientação, também pensamos na possibilidade de que a conversa que eu manteria com os estudantes não se

limitasse, apenas, ao aspecto verbal, mas que poderia explorar os desenhos. Se os estudantes pudessem representar os filmes e séries que lhes atraem quais seriam os aspectos mais destacados nessa representação? Já estava ansiosa pelo próximo encontro, foi então que preparei o material para as atividades, selecionando lápis de colorir e folhas de diversas cores que nem percebi quais eram, mas notei que eram coloridas e algumas brancas.

No encontro seguinte, a professora da turma estava presente. Perguntou-me como foi o dia em que estive com os alunos, falei que eles foram bastante participativos. Logo após o retorno do intervalo a professora disse para eles que aquele espaço da aula seria comigo. Agiam naturalmente, até o momento em que expus no quadro uma imagem impressa do filme "*It – a coisa*". Foi aí que começou o alvoroço e frases "Tia, eu não acredito", "Vamos falar mesmo desse filme?" e todos falavam ao mesmo tempo. A professora da turma ficou admirada com tanta empolgação e quando observou as imagens que eu havia selecionado ficou muito mais admirada.

Falei que iríamos fazer algo parecido com o encontro anterior, como conversar sobre esses momentos em que estão fora da escola e como ocupam seus tempos. Recordei que no encontro anterior as atividades que mais haviam sido mencionadas por eles se relacionavam a visualização de filmes e séries e que pelas respostas que haviam dado, essa atividade ocupava mais tempo em suas vidas que as brincadeiras tradicionais. Como *It: a coisa* foi o filme mais pronunciado por eles, gostaria de entender melhor o porquê de este filme ser tão interessante. Propus um jogo livre de associação, que a partir da imagem exposta no quadro eles mencionassem a primeira palavra que viesse à mente, como uma tempestade de ideias. Assim fui anotando cada palavra que falavam no quadro.

Figura 1: Palavras relacionadas ao filme It: a coisa



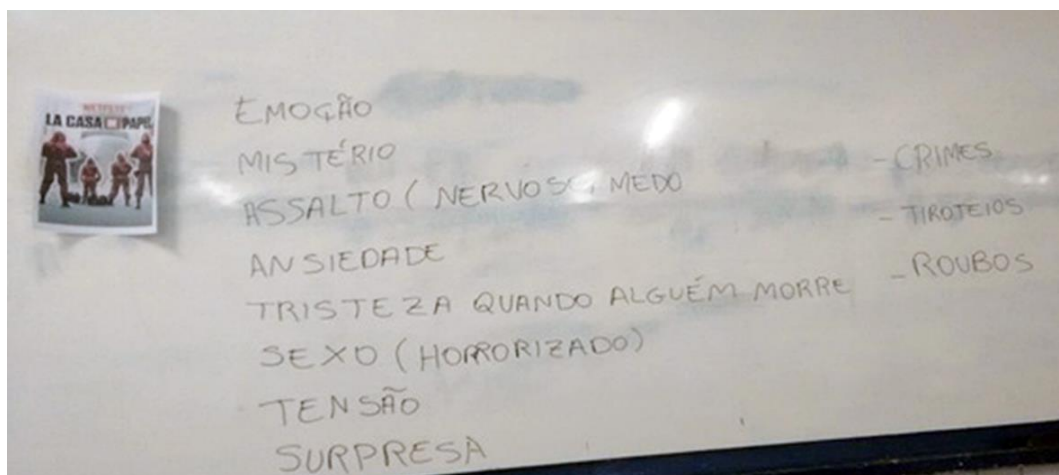
Fonte: Acervo da autora

Como podemos observar na imagem da Figura 1, surgiram palavras como: medo, tensão, suspense, ansiedade, ação, susto, nervoso, surpresa, tristeza e morte. Muitas foram as observações que os estudantes fizeram, porém chamou especialmente a minha atenção a fala de J: “A tristeza e a morte são algo normal”. A fala de J e a intensa menção ao medo, ao susto, à morte, me surpreenderam. Enquanto ali estava com eles comecei a me perguntar como eles poderiam se envolver tanto com esse filme se, para mim, essas eram as razões que me levam à não assistir esse tipo de filmes. Por isso compartilhei com eles minhas impressões. Ao falar para eles que eu sentia medo de assistir a esses tipos de filmes, a estudante G compartilhou: “Tia, eu também sinto medo. Às vezes fecho os olhos até passar. Mas isso é bom.”. A fala de G me tocou profundamente, pois percebi que os estudantes dessa turma fazem uso desse tipo de filmes para elaborar sensações que eu, ainda, não havia me dado conta.

Logo após este momento de partilha de informações, disse para eles que ainda havia outra imagem para observarmos e discutirmos. Eles ficaram ansiosos. Coloquei então no quadro a outra imagem, agora da série mais mencionada no encontro anterior: *La casa de papel*.

La casa de papel é uma série espanhola, criada por Alex Pina, para uma emissora de tevê espanhola que estreou em 2017. A empresa estadunidense Netflix adquiriu os direitos de distribuição da série e o sucesso em diversos países levou à produção de novas temporadas. O argumento central da série gira em torno de um homem misterioso, ao qual todos chamam “Professor”. Esse personagem está planejando o maior assalto da história. Fazem parte da sua equipe oito pessoas que, com suas habilidades, poderão entrar nessa fábrica que produz o papel moeda, o que dá o título à série: a casa de papel. Com a imagem da série utilizei o mesmo procedimento de tempestade de ideias e livre associação de palavras.

Figura 2: Palavras relacionadas à série La casa de papel



Fonte: Acervo da autora

Mais uma vez os estudantes aderiram com entusiasmo, e não foi necessário insistir para que as palavras jorrassem. Todos se manifestaram querendo que suas palavras ficassem devidamente registradas no quadro e obtive as seguintes palavras: emoção, mistério, o assalto (que deixa nervoso e com medo), ansiedade, tristeza de quando alguém morre, tensão, surpresa, crimes, tiroteios, roubo e sexo. Apenas J teve a coragem de falar a palavra sexo, de forma tímida e disse “Essas cenas deixam a pessoa ficar horrorizados em ver”, então todos começaram a rir.

Ao ouvir estas falas a professora F perguntou: “Vocês assistem isso?” e a turma respondeu que sim com forte entonação, mas alguns alunos que sentam nas primeiras filas de carteiras da sala e estão sempre fisicamente mais próximos da professora e do quadro, começaram a mudar de ideia informando que não assistiam a essa série. A professora F se dirigiu a mim e de forma que todos os estudantes ouvissem a sua solicitação, pediu que eu deixasse as impressões que fiz do filme e da série com ela no final da aula para mostrar na próxima reunião com os pais. Foram vários estudantes da turma que mudaram totalmente suas respostas para a professora F, para deixar claro que não assistiam essa série. Esse momento, para mim, foi muito significativo, pois pude perceber uma rápida mudança na forma de interagir dos estudantes. Aquela participação entusiasmada, com olhos vivos e brilhantes empalideceu e as informações que poderiam me oferecer sobre suas impressões desse produto visual se perderam.

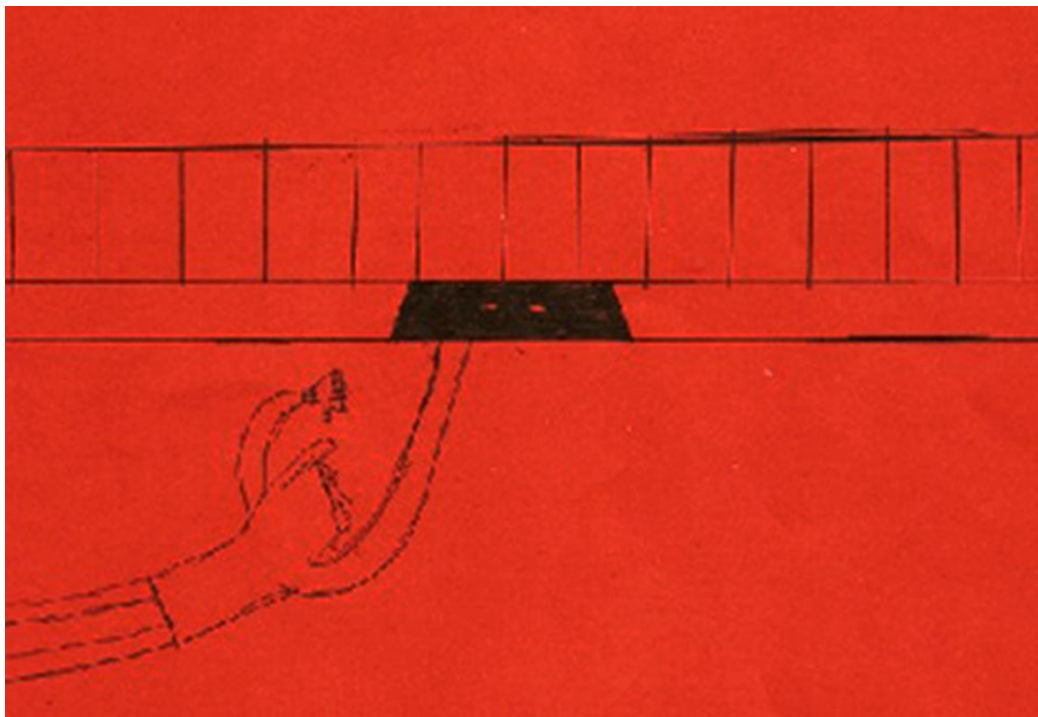
Passado esse momento constrangedor, tanto para os estudantes, quanto para mim, pois alterou a interação que estava mantendo com a turma, continuamos nosso encontro com a atividade de representação visual. Solicitei que produzissem um desenho a partir do filme ou série que conhecessem. Como senti que os estudantes estavam inibidos sob a observação da professora da turma, decidi esclarecer que não precisavam se preocupar, pois os desenhos ficariam comigo e ninguém saberia quem teria produzido qualquer desenho, só eu que iria saber, mas não poderia contar de quem era.

A estudante S expressou o que sentia diante da folha em branco “Eu não sei desenhar”. Perguntei para ela quem havia falado isso e a animei a desenhar e a mesma foi demonstrando que sim sabia desenhar. Porém, haviam pessoas na turma que desenhavam bem e ela não se achava boa o suficiente em comparação aos outros.

Como já mencionei anteriormente, havia preparado o material sem ter percebido as cores das folhas de papel selecionado. No momento em que ofereci as folhas de papel, percebi que havia uma predileção pelas coloridas e

me surpreendeu a fala do estudante Q: “Quero a folha vermelha, pois vermelho é sangue”. A imagem que se segue é o desenho produzido por Q:

Figura 3: Desenho do estudante Q



Fonte: Acervo da autora

A partir desta imagem, consigo observar olhos que estão espionando a um menino sozinho. Esses olhos estão escondidos em um bueiro.

O bueiro aparece em várias imagens produzidas pelos estudantes, como será possível ver a seguir. Por isso fiquei pensando nos significados da palavra bueiro. Algumas definições interessantes do dicionário Michaelis (2018) para a palavra bueiro, como sendo “abertura, cano ou rego por onde escoam água” como também “Tubulação de esgoto”. Com estas informações, pode-se dizer que bueiro está ligado à passagem de algum material para o seu descarte.

Figura 4: Desenho da estudante R

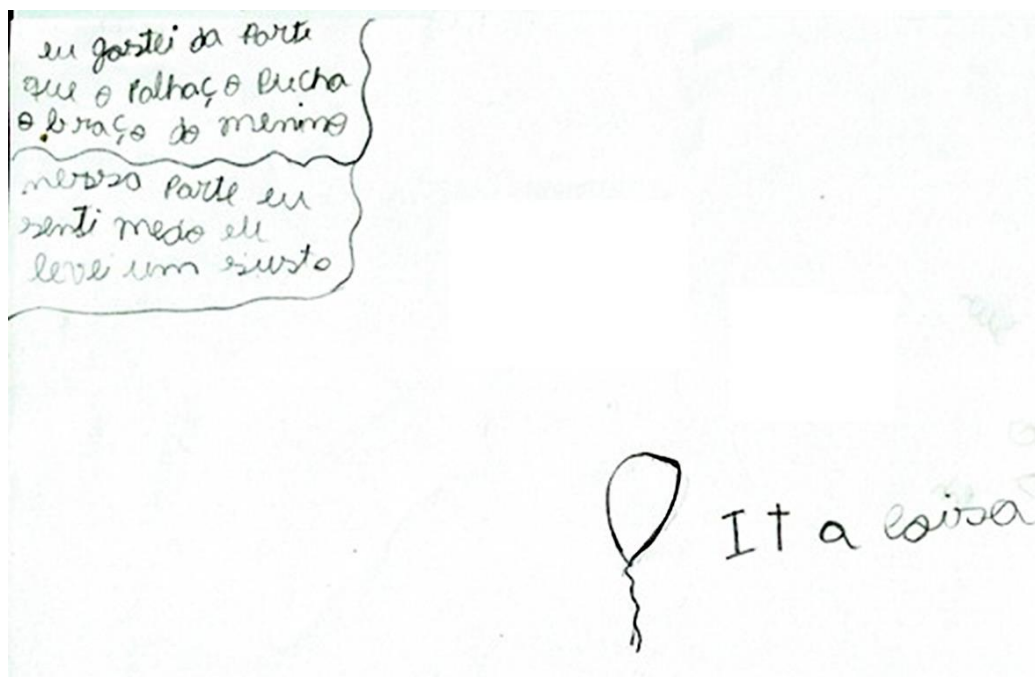


Fonte: Acervo da autora

Para mim, esta imagem me leva a pensar nas sensações de solidão e abandono. Como se ninguém prestasse atenção neste menino e o fato de ter centralizado o corpo estendido na folha parece enfatizar ainda mais a solidão. Não há preocupação de outros, na verdade, parece não existir mais nada além de um corpo físico que pode ser levado para qualquer lugar, sem resistência. Alguém que sangra e ninguém irá lhe socorrer.

Tanto na Figura 3 quanto a figura 4 são imagens relacionadas ao filme, que aparecem constantemente, porém elas também me remetem à representatividade da solidão. Ao assistir ao filme para poder conhecer as cenas, emoções de susto e nervoso foram tomando conta de mim assim como os estudantes se expressaram na tempestade de ideias, apresentada na Figura 1. Neste momento em que escrevo penso que, talvez, a solidão teria passado despercebida por mim ao assistir ao filme, se não pudesse contemplar as cores e formas produzidas pelos estudantes em suas imagens.

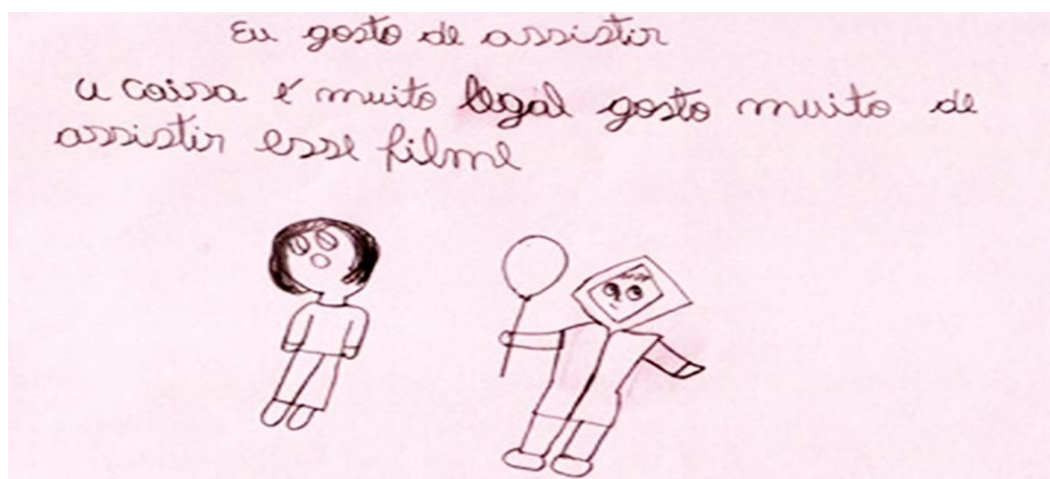
Figura 5: Desenho da estudante S



Fonte: Acervo da autora

A Figura 5 remete à imagem utilizada no cartaz do filme. Ao contemplar a imagem produzida por S, me dou conta de que gosto de balões por me trazerem uma sensação boa de momentos vividos e de festas. Mas representado na figura tem algo diferente, está sem cor, e para mim isso é sinal de mistério. Olho fixamente a imagem, vejo a frase “It a Coisa” e ainda sim o balão representa a leveza, está flutuando, liberto de julgamentos, prisões e gostaria de que estivesse cheio de autoestima. No filme o balão vermelho indica a presença do palhaço. A personagem do palhaço, assim como a figura do balão trazem uma ambiguidade, pois palhaços geralmente arrancam sorrisos e não uma parte do corpo de alguém. Assim como os balões representam a alegria e não o medo. A partir da Figura 5, fiquei muito pensativa e considero que o balão sem cor dessa imagem para mim funciona como a camuflagem do medo que também sinto em muitas situações.

Figura 6: Desenho da estudante Y



Fonte: Acervo da autora

A imagem da Figura 6 também refere-se à cenas do filme. Nesta imagem posso perceber o contato entre duas crianças, uma delas observa admirado o balão na mão do outro, enquanto o outro desvia o olhar. Me remete a quando ainda não conhecemos uma pessoa e tentamos fazer amizade com ela, ou quando alguém está com um objeto que achamos muito bonito e ficamos parados observando e sem coragem de falar por não conhecer a pessoa. Os personagens destacados pela estudante Y estão presentes no filme, mas não interagem na mesma cena, porém ao contemplar esta imagem eu faço outras relações. Consigo relacionar com a intensão em se fazer um amigo, assim como no filme foi bem focado a relação da amizade entre os adolescentes que se unem para enfrentar uma situação difícil.

Figura 7: Desenho do estudante P



Fonte: Acervo da autora

A Figura 7 traz uma imagem que me assusta e causa pensamentos negativos. O ser representado está portando um objeto semelhante a um machado em uma das mãos. Há um leve sorriso em seu rosto, mas seus dentes pontiagudos são mais chamativos e não me causam boa impressão. Na verdade me deixa a sensação de que vai atacar, matar, morder. E isso tudo me gera um mal estar, nervosismo e pânico.

Figura 8: Desenho do estudante T



Fonte: Acervo da autora

A figura 8 também faz referência ao personagem principal do filme que é o palhaço. Mais uma vez aparece o bueiro, mencionado na escrita do estudante T. O bueiro, esse lugar escuro e deserto aonde eu jamais iria. Essa atividade de “buscar fantasmas” não me anima por ser medrosa, mas gera a maior euforia nos adolescentes curiosos presentes no filme, no desenho e na sala de aula da escola.

Figura 9: Desenho da estudante U



Fonte: Acervo da autora

Observo uma imagem bastante alegre, pois a cor azul me traz este significado, talvez por lembrar ao céu e ao mar. Um garoto que vê seu barco de papel sendo levado pelas águas. No plano de fundo desta representação há uma casa. Mas a porta tem um efeito turvo.

Figura 10: Desenho do estudante V



Fonte: Acervo da autora

Este desenho é para mim o mais fiel ao filme, pois, consigo identificar de imediato que se trata da imagem do palhaço *Pennywise*. Seus cabelos esquisitos e seus dentes de serra pontiagudos já me deixam nervosa. Algo interessante no seu olhar penetrante é que parece estar feliz ao pensar em algo. Apesar de semelhante ao do filme, este palhaço não parece assustador. Suas vestes também estão iguais, enfim, cada detalhe. Incluindo o balão, o objeto inanimado como posto pelo dicionário Michaelis (2018) “Que não tem ou nunca teve vida: inânime.”, agora sorrindo para o palhaço traz a tona a combinação de uma brincadeira, sentimento bem diferente do filme que traz suspense, terror e tristeza como o descrito pelo autor da imagem.

Figura 11: Desenho da estudante X

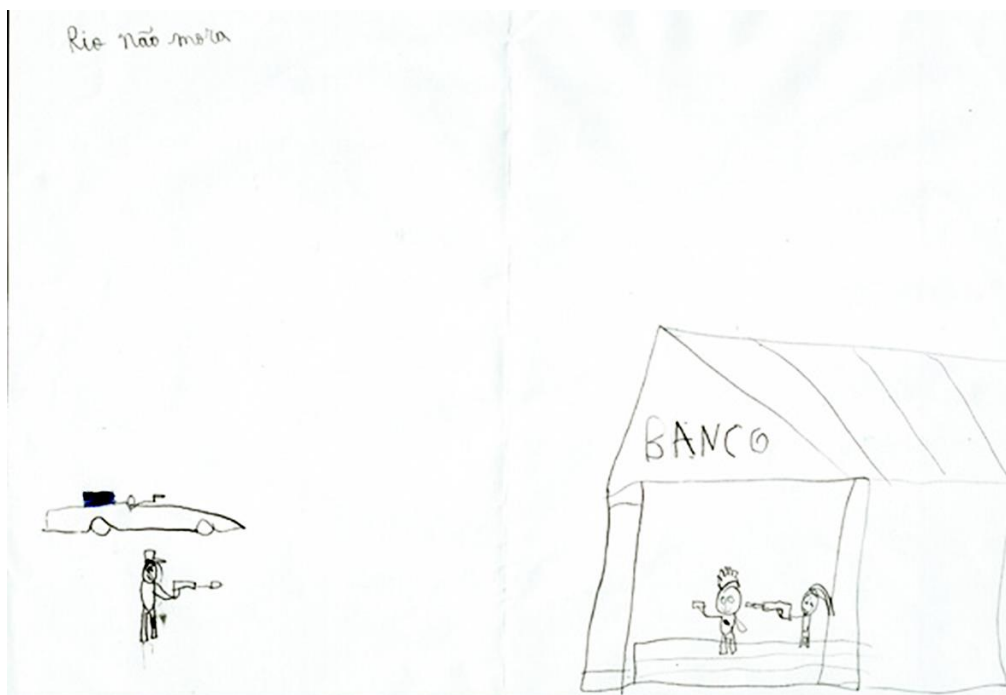


Fonte: Acervo da autora

Nesta representação aparece primeiramente um menino em desespero por perder o barco que cairá rapidamente no bueiro. Junto com este olhar das ações há uma semelhança entre o garoto e o barco, os dois são coloridos na cor amarela e ambos estão prestes a cair em apuros. Outro fato interessante é que o garoto parece pequeno diante do bueiro centralizado.

A partir da própria representação nos desenhos referentes ao filme *It: a coisa*, como mostram as Figuras 3, 4, 5, 8, 9 e 11, o bueiro por vezes mencionado é o local do medo, da perda, mas também é o local onde pode ser encontrada a amizade. Poderia inferir que o bueiro representado pelos alunos seria a sala de aula? Por vezes trazendo o medo e com ele a perda de alguns direitos como o de falar o que pensa no momento em que é questionado, deixando no ar a certeza de que ao falar o que pensa será punido.

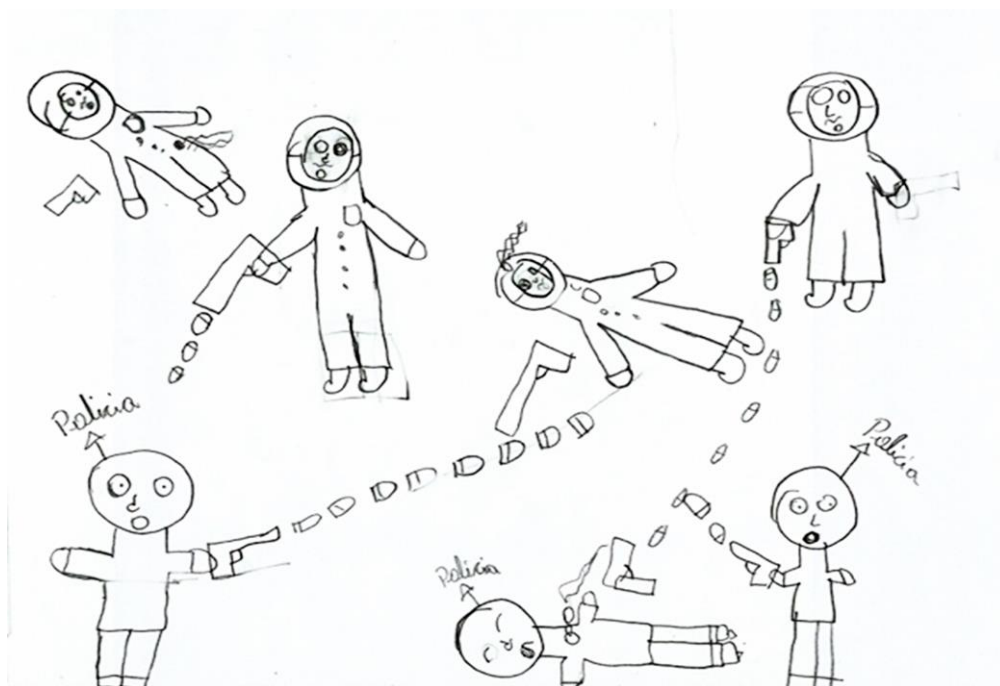
Figura 12: Desenho do estudante W



Fonte: Acervo da autora

A Figura 12, o desenho do estudante W está ligada às cenas da série *La casa de papel*. O desenho de W representa uma cena de violência, de um lado um policial, do outro lado, dois ladrões em um banco. Poderia representar a desproporcional violência perante a insegurança que sentimos? Também chamou minha atenção a frase escrita por W: Rio não morra. Sem referências da série, inicialmente pensei em um estado brasileiro em situação de caos. Também no rio que transporta a água para vários lugares, mas depois de conhecer a série *La casa de papel*, para compreender o interesses dos estudantes, sei que faz referência à uma das personagens desta série.

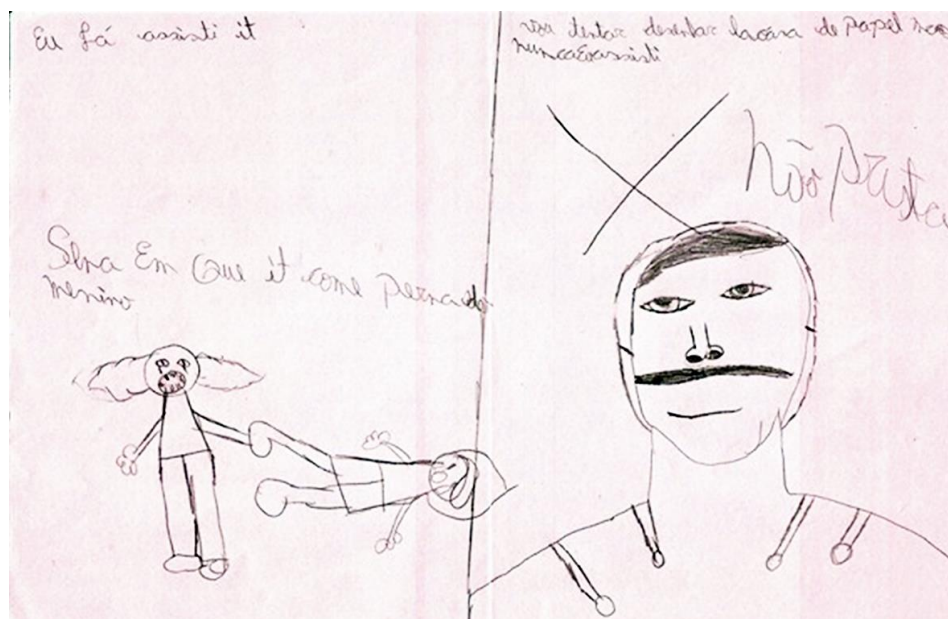
Figura 13: Desenho da estudante G



Fonte: Acervo da autora

A Figura 13 também faz referência à série *La casa de papel*, em que as personagens estão mascaradas e policiais não conseguem distinguir sequestrados e sequestradores. Ao contemplar a imagem da estudante G, me pergunto se esta representação expõe a violência ceifando vidas através da troca de tiros. Para mim, foi interessante perceber o detalhe do tamanho das balas que saem da arma da polícia e o tamanho das do outro grupo. Observa-se que a polícia nesta imagem está em menor número, porém consegue ferir mais oponentes. Todos que foram atingidos por tiros estão sangrando no chão. Seria a violência que vai deixando sua marca diariamente no cotidiano de vários programas de televisão?

Figura 14: Desenho da estudante Z



Fonte: Acervo da autora

A figura 14 faz referência ao filme *It: a coisa*, como também à série *La casa de papel*. Na parte esquerda da imagem, posso perceber o palhaço arrastando uma pessoa, trazendo a mim a ideia de manipulação e alguns questionamentos: De onde será que somos arrastados? Quem nos leva e para onde vamos? São questões que, se pensadas, podem nos ajudar a nos conhecer melhor em meio a sociedade. Também me chama a atenção a boca do palhaço com dentes enormes prontos para atacar.

Chamo a atenção para alguns detalhes desta imagem, mas que também pode estar refletido nos demais. Ao pedir que os alunos desenhassem a cena que mais lhes chamavam a atenção, a aluna Z começa a fazer seu desenho sobre *La casa de papel*. Depois de um tempo me chamou para pedir outra folha e dizer que errou. Ao observar seu desenho pedi que a mesma continuasse a desenhar o que ela queria na mesma folha. Assim ela desenhou uma cena de *It: a coisa*, na parte esquerda do papel, e enfatiza que já assistiu ao filme e coloca, na parte direita do desenho, o qual já havia iniciado, o sinal de X, para que eu soubesse qual seria o seu “desenho errado”.

E em seu primeiro desenho, na parte direita da imagem, sobre *Lá casa de papel*, a aluna escreve que não assistiu a série. Mas, fiquei me

perguntando: se não assistiu como pode desenhar uma personagem da série? A imagem que levei ao quadro não fazia alusão à nenhuma personagem com máscara, apenas algumas pessoas vestidas com macacão de trabalho. E mais que isso, fiquei bastante intrigada com o resultado dos desenhos recebidos, pois *La casa de papel*, havia sido tão mencionada quanto *It*: a coisa, pelos alunos, em nossa primeira conversa. Mas na hora da representação, aparecem em apenas dois desenhos sobre a série e, mesmo assim, em um deles a autora nega ter assistido, faz um X para enfatizar, e ainda escreve “Não presta”. Baseada em que?

A partir dessa imagem fiquei me questionando: será que *La casa de papel* era realmente assistida por muitos ou alguns realmente não assistiam nem falavam realmente o que assistiam ou será o medo de ser descoberto pelos pais que os fizeram falar que não assistiam, levando a não desenhar sobre a série?

Recordei-me que a professora falou em tom intimidador que iria mostrar para os pais das crianças o que elas andavam assistindo e que, talvez, elas ficaram com medo de desenhar, disseram não assistir e me perguntavam se podiam desenhar sobre outra coisa que gostavam fora da escola. Suponho que o que aconteceu com boa parte da turma pode ser visualizado em especial nesta Figura 14 com a representação da aluna Z. Pois, a mesma descrevia detalhes sobre o “professor” que lidera a equipe da série *La casa de papel*, o fato dos codinomes da equipe serem nomes de países e contava às partes que outros ainda não havia assistido. Tanto que se houvesse um ranking a série *La casa de papel* seria a segunda colocada entre os produtos visuais mais mencionados pelos estudantes.

Pude constatar que minha interação com a turma se dava de forma mais tranquila quando estávamos a sós, eu e eles. Eu compartilhando meus medos, que eram muitos e eles compartilhando o quanto o medo era engraçado para eles, pois o enxergavam como forma de diversão. Afinal era tudo ficção e na vida real também aconteciam mortes, medo e violência de verdade.

No dicionário Michaelis (2018), a docência é definida como o ato de ensinar. Eu enxergo para além disso, como ponte para a relação professor/aluno do ensinar e aprender, sendo que a professora deve ser motivadora e mediadora. Criar momentos em que se possibilite construir conceitos, ter participação real e democrática, respeito individual e coletivo, possibilitar momentos em que ambos possam falar e ser ouvidos, trocar experiências e construir novas aprendizagens. Mas como o profissional da educação conseguirá se aproximar do seu aluno se não o escutar?

Não podemos negligenciar a fala de um aluno da mesma forma que não devemos coagi-los a falarem exatamente o que queremos ouvir. Não é esse o nosso papel. A cultura visual vem para nos chamar a atenção sobre esse processo, pois se o professor souber identificar as visualidades que fazem parte da sua turma ou o que faz um aluno interagir, ele saberá como despertar o interesse desse aluno ou turma e saber o que desejam aprender, quais as suas expectativas em relação ao que aprendem ou o que querem aprender.

Não é questão de levar para a sala de aula as imagens que os estudantes “mais gostem”, mas sim as imagens que lhes permitam falar sobre suas vidas, dos problemas que temos que enfrentar e que estão a nossa volta. Qual o objetivo da aprendizagem se não for a liberdade de pensar por si próprio? De poder se posicionar contra ou a favor de determinados assuntos e ser respeitado em sua fala?

A escola deve ser um espaço democrático para seus participantes, onde cada um respeite o direito do outro. Assim poderão ser cidadãos atuantes na sociedade. Penso que os educadores devem proporcionar aos alunos o poder de falar sobre si diante do mundo no qual estão vivendo. Isto pode ocorrer por meio de um desenho, uma música, série ou filme pode ser utilizado para se expressar, realizar a leitura de porque se sente representado por tal visualidade. Essa experiência que vivenciei me levou a entender o que Becker (2010) indica, que por meio da Cultura é possível entender o processo social, a identidade própria e dos outros e a enxergar o mundo de forma mais ampla. As imagens podem ser utilizadas para trabalhar essa forma de expressão e compreensão.

O ser humano vive deixando rastros da cultura que produz por meio de imagens. O professor em seu papel mediador pode utilizar essas imagens para desenvolver a aprendizagem dos seus alunos, ajudando para que cada um construa um conceito acerca da visualidade que tanto admira. No fluir do discurso do aluno, haverá construção do conhecimento próprio sobre o que faz com que uma imagem, filme e/ou série possa trazer em identificação. Compreender que é o fator representação que faz dessas imagens a expressão da cultura.

Por fim, os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula podem variar, pois não são somente aqueles que o professor considera importante. Temos alunos que também possuem conhecimento e estes não são meros telespectadores, mas atores principais em seus pensamentos e representações. Por isso é importante, que também analisem os conteúdos que se relacionam com suas vivências e desconstruam estereótipos de outros e possam expressar seus sentimentos e pensamentos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho foi possível alcançar os objetivos geral e específicos postos inicialmente, pois consegui perceber quais visualidades estão presentes na sala de aula e como eu estava enganada acerca destas. Eu fui pensando em encontrar alunos que, assim como eu quando tinha a idade deles, tivessem admiração por desenhos animados ou novelas de classificação livre para todos os públicos e esqueci que a sala de aula é um espaço dinâmico e que não está parado no tempo. Que a cultura visual vai se modificando através de tempo. Mesmo assim, eu não esperava encontrar estudantes que assistem filmes de terror e suspense.

Por essa eu realmente não esperava, fui desafiada a assistir filmes que não são do meu gosto por estudantes que mal conhecia e mais surpresa ainda fiquei com o fato da professora da turma descobrir estas visualidades junto comigo e também sentir este estranhamento. Isso demonstra o quanto desconhecemos o que faz parte da vida dos estudantes e os temas que os atraem.

Apreendi que a visualidade que está marcando presença na escola é a mesma que marca a sociedade. É só ligar a televisão em um jornal para ver o medo, a violência e a morte escancarados pelo mundo. Envergonho-me pelo fato de inicialmente julgar quais conteúdos seriam apropriados para uma faixa etária ou não a partir do mundo perfeito que quero ter, porém, desconectado da realidade nas quais todos estão que é a exposição, seja assistida ou sofrida, de todo tipo de violência diariamente.

Percebi que a aula deve começar antes de entrar na sala de aula, ao observar um espaço em seus mínimos detalhes e ouvir os menores ruídos, são qualidades que todo educador deve ter. Que as visualidades trazem muitos elementos geradores de conhecimento. Também aprendi como é gratificante poder ver além das palavras, poder vivenciar o quanto os alunos se sentem valorizados quando são ouvidos.

Depois de estudar o campo da cultura visual nunca mais observaremos uma imagem com o mesmo olhar. Pois ficamos analisando o que está representado, onde está colocado. E se há uma imagem com uma frase então, cada detalhe que antes passaria facilmente despercebido nos oferece múltiplas interpretações.

Mas observo que o olhar reflexivo não é algo muito fácil de obter, principalmente nos dias atuais quando com a tecnologia em mãos, a circulação das visualidades está mais rápida do que os olhos possam acompanhar tanto para adultos quanto para crianças e/ou adolescentes. Por isso faz-se necessário que a escola intervenha nesse tipo de conhecimento para que a leitura do visual também seja aguçada.

Por outro lado, o educador deve se inteirar sobre as visualidades que circulam em sua sala de aula para poder se aproximar dos alunos. Mas também é preciso que o educador reconheça as visualidades que também possui como representação de criança, do que é certo ou não, e por que. Assim, se reconhecendo como alguém que também reproduz aquilo que aprendeu, poderá enxergar quanto preconceito carrega consigo e o quanto os perpetuou e pode continuar a perpetuar.

Eu tinha muitos preconceitos acerca do que poderia ser visto ou não pelas crianças, pois pensava na influência que tais imagens trariam para elas, porém, os alunos me mostraram o quanto eu estava equivocada em meus pensamentos. Não há apenas a influência pelo que se vê, mas também pelo que vivem.

A experiência que este trabalho me proporcionou foi ímpar, pois passei a me enxergar no íntimo, como alguém que sempre foi repreendida com o mesmo discurso que acabei internalizando e repetindo. Construindo para mim a ideia de como deveria ser o aluno na sala de aula que, na verdade, nem eu gostaria de frequentar. Mas só parei para pensar sobre isso quando comecei a conversar com os estudantes com os quais interagi nesta vivência.

Posso afirmar que aprendi bastante com aqueles que considero os maiores colaboradores na elaboração deste trabalho, os alunos do 5º ano do

Ensino Fundamental, que mostraram muito conhecimento em questões tão adultas e pouco faladas, até mesmo por mim.

As visualidades podem ser a porta de entrada para enxergar aqueles alunos que, às vezes, podem ser julgados como “aluno problema”, como alguém que na verdade não aprendeu a se expressar por ter sua fala repreendida a vida toda, em casa e na escola. Quando o professor utiliza as linguagens da arte em sala de aula como meios para a expressão, pode realizar várias descobertas, entre elas a de entender como seus alunos se sentem representados nas visualidades que são significativas para eles e que pode gerar um debate em sala e aprendizagens múltiplas.

Concluo que as imagens precisam ser utilizadas em sala de aula de forma que não haja uma hierarquia que priorize o pensamento do professor em detrimento do conhecimento do aluno, que os conteúdos considerados educativos não sejam apenas os eruditos, mas, reconheça-se as imagens do dia-a-dia como elementos importantes para compreender o mundo a nossa volta e geradoras de aprendizagens tão significativas quanto existentes.

REFERÊNCIAS

BECKER, Aline da Silveira. Reflexões sobre imagens em sala de aula. *Revista Digital do LAV*, [S.l.], n. 1, p. 45-57, out. 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MICHAELIS. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 9 de out. de 2018.

NUNES, Luciana Borre. A cultura visual nas tramas escolares: a produção da feminilidade nas salas de aula. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs.). *Cultura Visual e Infância: quando as imagens invadem a escola...*Santa Maria: Ed. da UFSM, 2010. p. 165-190.

SARDELICH, Maria Emilia. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. *Cadernos de Pesquisa*.v.36, n.128, p.451-472. 2006.

TAVIN, Kevin; ANDERSON, David. A cultura visual nas aulas de arte do Ensino Fundamental: uma desconstrução da Disney. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs.). *Cultura Visual e Infância: quando as imagens invadem a escola...*Santa Maria: Ed. da UFSM, 2010. p. 57-70.

TOURINHO, Irene. Ver e Ser Visto na Contemporaneidade: As experiências do ver e ser visto na contemporaneidade: por que a escola deve lidar com isso? In: *BoletimTVEscola*, n.9, a. 21, p. 9-14, ago. 2011. Disponível em: <<https://docente.ifrn.edu.br/isabeldantas/festa-e-ludicidade/arte-educacao/imagem-identidade-e-escola.-martins-raimundo>> Acesso em: 18 maio 2018.